



Educação em pauta

Estudantes vão conversar com o ministro Paulo Renato Souza

No último dia quatro, o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, deu mais uma entrevista coletiva. Na mesa de reuniões do 8º andar do ministério, onde costumam aparecer jornalistas dos maiores veículos de comunicação do país, os repórteres sentavam em cima das mãos, comiam os dedos de ansiedade. Numa fileira de cadeiras encostadas à parede, uma dúzia de pais e professores babava sem o menor constrangimento. Naquela tarde de segunda-feira, nove representantes de escolas do Distrito Federal interrogaram o ministro sobre violência nas escolas, computadores, educação para meninos de rua. Eles formaram o primeiro Conselho Editorial Mirim do Correio. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Conselho Mirim — Gostáramos de saber se o ministério tem algum projeto para extinguir o analfabetismo.

Paulo Renato Souza — Em primeiro lugar, nós temos que fazer uma coisa para acabar com a reprodução do analfabetismo para que não tenha mais jovem analfabeto. Isso que nós estamos fazendo com o ensino fundamental, que é distribuir mais o dinheiro, garantir melhor salário para o professor do Nordeste. Então eu digo que se esperarmos o tempo só com essa política acaba terminando o problema do analfabetismo. Mas não podemos esperar tanto, até porque não é justo com as pessoas que são analfabetas. Nós temos então algumas ações com estados e municípios, mas temos uma ação importante que é do governo federal, o Alfabetização Solidária. Com esse programa nós vamos nos municípios que têm o maior índice de analfabetismo. Começou no ano passado e até o final desse ano vamos ter 800 mil jovens e adultos alfabetizados. No ano que vem, vamos chegar a 1,5 milhão.

CM — O senhor já tentou dar escola para os meninos de rua?

Paulo Renato — Já. Não é fácil. O difícil é trazer essas crianças para a escola porque elas estão vivendo na rua. Não têm mais uma família estruturada que cobre dela ir para escola, que dá a condição dela ir todo dia. Não têm uma regularidade. Muitas vezes ela está metida com drogas. É muito difícil trazer essa criança de volta para uma rotina de escola, para aquelas coisas que vocês sabem que às vezes são chatas, mas fazem parte da educação da gente, ir todo dia, prestar atenção. Isso é difícil para uma criança que está na rua. É um trabalho que envolve muitas pessoas que são dedicadas a isso. Eu sou totalmente favorável e toda vez que tiver projetos que a gente possa ajudar para isso, nós queremos ajudar.

CM — A bolsa escola vai continuar?

Paulo de Araújo



“A educação é o que vai fazer com que haja menos diferenças entre ricos e pobres, as pessoas possam ter mais emprego”

Paulo Renato Souza

Paulo Renato — A bolsa escola está continuando, não sei se aqui no Distrito Federal. Mas nós estamos com esse modelo em todo o Brasil. Hoje nós temos 400 mil crianças que estão tendo o que nós chamamos de renda mínima, que é o mesmo esquema da bolsa escola. A família ganha um tanto se a criança está na escola e tem frequência. É parceria do governo federal com os municípios, e nós começamos com os municípios mais pobres. Esse é um programa bom. Sozinho não resolve o tema da educação. Porque o problema é mais da escola funcionar direito, não ter muita repressão, da gente ter e manter a criança na escola. Agora, quando a zona é muito pobre, a bolsa escola ajuda, porque estimula os pais manter a criança na escola.

CM — Qual é o plano do MEC com a Internet e a escola?

Paulo Renato — Nós já começamos a tratar desse tema há 4 anos, nossa primeira dificuldade

foi como fazer isso. Não adianta só colocar o computador na escola, ligar o computador e ligar na Internet porque a criança tem que saber mexer. E para ela saber mexer o professor tem que saber mexer. Em todos onde deu certo começou com treinamento de professor. Então nós fizemos primeiro em todo o país centros para treinar os professores. Começamos neste ano a colocar o computador na escola. A idéia é exatamente essa: que os alunos da escola pública possam ter laboratório de computador e acesso à informática.

CM — Bem, na minha opinião a educação no Brasil está precária. Quero saber se você tem algum jeito de melhorar, e qual é.

Paulo Renato — Eu estou escrevendo um artigo para jornal que é o seguinte: Longe de onde deveríamos estar e melhor do que estávamos. Essa é a minha visão. Os dados que temos mostram uma melhoria nos últimos quatro anos. Mas nós temos ainda só 95% das crianças

na escola. O Ensino Médio cresceu 57% nos últimos anos. Mas ainda tem muito jovem que não está na escola. Da população de 15 a 17 anos que deveria estar no 2º grau, só 32% estão. Mas eram 22%. O que temos que fazer para melhorar? Para melhorar na educação não é assim do dia para noite. Porque precisa melhorar o professor. Melhorar o livro, fazer mais dinheiro chegar na escola, melhorar a escola, botar computador na escola, treinar o professor para mexer com computador. São coisas que além de exigirem muito dinheiro, exigem tempo para acontecer.

CM — É a segurança nas escolas?

Paulo Renato — Não tem violência na escola. Tem violência no bairro, nas gangues da rua, que invade a escola, leva a violência. É um problema geral, não é só do Brasil. Primeiro eu acho que um pouco mais de policiamento externo nas escolas é bom. Ostensivo, polícia circulando perto da escola. Isso é bom porque inibe, bota um pou-

co de ordem no bairro. Dentro da escola não, mas fora. Segundo, eu acho que a escola precisa começar a ter mais projetos de integração dos alunos. Fazer com que os alunos tenham mais atividades dentro da escola, que não são só sentar para estudar.

CM — Existem muitos professores que têm muitos diplomas de cursos, mas quando eles dão aula não sabem dar.

Paulo Renato — O problema é que a formação do professor tem as suas deficiências. Quando nós vimos que a educação não estava bem isso envolvia também a formação do professor. O que a gente tem que fazer é atualizar o professor, sempre. Temos que dar material para os professores.

CM — O que significa a educação para o senhor?

Paulo Renato — A coisa mais importante que nós podemos fazer no país. Porque a educação é o que vai fazer com que haja menos diferença entre ricos e pobres, as pessoas possam ter mais emprego, mais oportunidades na vida.